

## **COM QUAL PENTEADO NÓS VAMOS: UMA PROPOSTA DE OFICINAS SOBRE CABELOS AFRO, SAÚDE CAPILAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Coordenador:** Rafael Barcellos de Moraes

**Membros da equipe:** Millena Caroliny da Silva Araújo Rodrigues<sup>1</sup> e Rayka Vitória do Amarante Barbosa<sup>2</sup>

**Campus:** Ribeirão das Neves

**Área temática:** Educação

**RESUMO:** Esta proposta foi selecionada para integrar as ações do Projeto Redes Antirracistas, criado pela parceria entre Universidade de Brasília (UnB), Instituto Federal de Brasília (IFB) e o Ministério da Igualdade Racial (MIR), com gestão financeira FINATEC. Ela envolve uma ação de extensão, desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) – IFMG, campus Ribeirão das Neves, para o oferecimento de oficinas, em escolas públicas de ensino fundamental e médio, onde se possa refletir sobre a estética, saúde capilar e história política dos cabelos afro. O objetivo das oficinas é promover um diálogo que gere e/ou fortaleça uma percepção estética e identitária mais sadia da negritude, já que o cabelo afro costuma ser um dos alvos de violência simbólica mais comuns (KILOMBA, 2019). Concomitantemente, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), visando o cumprimento das leis no 10.639/2003 e 11.645/2008 e, por se tratar de uma ação a ser desenvolvida no contexto escolar, esta ação pode ajudar a viabilizar uma proposta de ERER para a educação pública e formação continuada de professores no município, promovendo o letramento racial crítico a partir de compreensão culturais, históricas e políticas dos cabelos afro e suas questões interseccionais.

**Palavras-chave:** cabelos afro; educação antirracista; educação para as relações étnico-raciais.

### **INTRODUÇÃO**

“Você lava seu cabelo?”, “Como você os lava?”, “Você os penteia?”, “Você tem pente?”, ou “Não está na hora de cortar esse cabelo?”. Esses questionamentos sobre o cabelo afro, para além de uma fantasia colonial sobre os mundos subjetivos de pessoas negras, faz parte de um

---

<sup>1</sup> Estudante do curso técnico integrado em informática do IFMG, campus Ribeirão das Neves, bolsista FINATEC.

<sup>2</sup> Estudante do curso técnico integrado em administração do IFMG, campus Ribeirão das Neves, bolsista FINATEC.

conjunto de mecanismos que tenta inculcar na negritude uma marca de inferioridade mais poderosa do que a própria cor da pele (KILOMBA, 2019). Nesse sentido, este projeto propõe uma ação de extensão, desenvolvida junto ao NEABI – IFMG, campus Ribeirão das Neves, para o oferecimento de oficinas que promovam diálogos sobre a estética dos cabelos afro, saúde capilar e que, concomitantemente, contribuam para uma educação antirracista junto ao público infantil e juvenil de escolas públicas de ensino fundamental e médio no município.

As oficinas serão divididas em três momentos, assim como propõe Afonso (2006). O momento inicial servirá para o acolhimento das(os) estudantes e apresentação da proposta, através de jogos produzidos pelos membros deste projeto. A segunda etapa é composta por atividades variadas para o reconhecimento de identidades e aspectos que fortaleçam uma visão mais sadia da negritude, além de atividades práticas que visam a sensibilização (fazer tranças nos cabelos de uma boneca ou de uma estudante, uma prática com lenços, etc.). Por fim, o momento final servirá para reflexões finais que retomem e reforcem pontos importantes construídos no diálogo. Assim, o percurso de trabalho proposto prevê atividades de diálogos, interação lúdica e práticas. Os momentos finais do encontro contarão também com um balanço para avaliação coletiva e sugestões para futuras atividades com a comunidade escolar.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E RESULTADOS ESPERADOS**

De maneira geral, após a execução desta ação, esperamos que as(os) participantes possam ser capazes de refletir criticamente sobre aspectos históricos, culturais e políticos dos cabelos afro e que, ao mesmo tempo, possam sentir sua autoestima mais elevada através da valorização deste aspecto estético e identitário. Também esperamos que tenham conseguido desenvolver conhecimentos científicos e práticos em saúde capilar. Mais especificamente, esperamos que as(os) participantes tenham:

- conseguido refletir acerca da história política dos cabelos afro e que essa reflexão possa ter contribuído para uma percepção estética e identitária mais sadia de si e da negritude. Durante a história, diversos movimentos políticos usaram e ainda usam o cabelo como símbolo de resistência. Nos Estados Unidos, por exemplo, ele aparece no movimento *Black Power*, entre os integrantes dos Panteras Negras, entre ativistas como Angela Davis e, mais recentemente, nas *hashtags* *#BlackGirlMagic* (“a magia da garota negra”) para celebrar a beleza, o poder, a resistência e as conquistas de pessoas negras (GARZA, 2021);
- se sentido acolhidos e que tenham conseguido acessar saberes que articulam passado e presente, seja pelo letramento crítico, como pela memória afetiva (PEQUENO, 2019).

Alguns livros infantis, inclusive, utilizam uma combinação de ambas estratégias. Por exemplo, na história de *Com qual penteado eu vou?*, de Kiusam de Oliveira, as bisnetas e bisnetos de Seu Benedito decidem cada um escolher um lindo penteado para celebrar os 100 anos de seu bisavô e presenteá-lo com a virtude mais especial que têm. Já no livro *De cabeça feita*, de Neide Almeida, a personagem decide experimentar diferentes penteados que havia visto nos livros, o que trouxe à memória da mãe as lembranças da avó, das tias, da infância e de uma caixa de fotos com recordações que ela, então, quis compartilhar com a filha. Ambas as histórias promovem o letramento racial crítico com o público infantil na medida em que acessam memórias afetivas;

- conseguido dialogar por meio de uma ação que é voltada para a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), nos âmbitos das leis no 10.639/03 e 11.645/08, para o desenvolvimento e/ou fortalecimento do letramento racial crítico, para uma melhor identificação de fenômenos relacionados ao racismo nas experiências cotidianas, com efeito na diminuição nos casos de racismo na escola e nas famílias (FERNANDES, 2019) – que são contextos que podem compactuar com tais violências (RIBEIRO, 2019);
- vivenciado uma ação que pode se transformar em uma proposta de ERER para a educação pública e formação continuada de professores no município de Ribeirão das Neves. Um estudo envolvendo professores e técnicos administrativos em uma escola de ensino público da região mostrou que, entre os participantes, existem (a) “limites para compreensão do racismo enquanto um fenômeno estrutural”, (b) “dificuldades para a identificação de fenômenos relacionados ao racismo nas experiências cotidianas, incluindo o espaço escolar”, e foram (c) “reiterados relatos a respeito da ausência/insuficiência da formação inicial para o manejo da temática racial” (FERNANDES, 2020), entre outros.

Esta proposta de ação, que contribui para a ERER, se faz ainda mais relevante quando considerado que a população autodeclarada negra (pretos e pardos) no município de Ribeirão das Neves é de 76% (IBGE, 2022), um aumento de pouco mais de 4% em relação ao censo de 2010. Além disso, segundo Fernandes (2019), o crescimento populacional no município está intrinsecamente relacionado à criação de inúmeros presídios, uma vez que familiares das pessoas encarceradas migram para os seus entornos, “como alternativa frente à elitização das cidades vizinhas, sobretudo Belo Horizonte, e como estratégia de permanência em local próximo aos parentes encarcerados”. Considerando ainda que 64% da população encarcerada é negra (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2017), um indicativo que contribui ainda mais para a “formação de muitos estigmas e preconceitos contra a cidade” (FERNANDES, 2019),

esperamos que propostas que permitam dialogar sobre raça e racismo nas escolas possam evidenciar sua contribuição não apenas para a identificação de casos de violência racial no cotidiano, mas também para a formação continuada de professores para atuação com a EREER.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste momento, estamos em fase de implementação das oficinas nas escolas, que solicitaram que as ações fossem iniciadas no mês de novembro (mês da Consciência Negra). Entre leituras formativas e confecção de atividades, temos dialogado sobre as expectativas e as aprendizagens até então. Uma das bolsistas do projeto sente como se estive “não curando, mas reparando algo para [ela mesma] criança.” Ela continua: “Porque eu imagino, se eu tivesse talvez essa oficina na minha escola, as coisas teriam sido um pouco diferentes” (R., entrevista, 19/08/25). Já outra bolsista se diz muito feliz em pensar que vai “poder dar um pouquinho de apoio” para outras crianças e jovens, “coisas que, muitas das vezes, a gente não recebeu” (M., entrevista, 19/08/25). Suas palavras ilustram a importância de ações voltadas para a EREER nas escolas, um contexto que é muitas vezes porta de entrada para a discriminação racial (CARNEIRO, 2023).

Nesse sentido, a pedagoga Nilma Gomes (2012) defende a necessidade da escola e docentes, de diferentes recortes raciais, se engajarem “na reflexão sobre raça e racismo no âmbito escolar, promovendo uma abordagem crítica em relação às práticas educacionais em todas as disciplinas do currículo escolar” (FERNANDES, 2000). Para isso, é necessário reconhecer o “que a racialidade significa na trajetória de cada um, bem como nas trajetórias dos estudantes” (FERNANDES, 2000) e, em nossa proposta, faremos isso a partir do diálogo sobre os cabelos.

Enfim, as escolas e os espaços educativos podem se tornar espaços de resistência, de fortalecimento, de construção de identidade racial e política, de produção de conhecimento emancipatório que não ofereça apenas instrumentos, mas também a coragem para os enfrentamentos contra práticas de assujeitamento, promovendo discussões que quebrem barreiras e ajudem a promover uma emancipação coletiva (CARNEIRO, 2023).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AFONSO, Maria Lúcia M. (org). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

ALMEIDA, Neide. *De cabeça feita*. Ilustrações de Beatriz Lira. São Paulo: Ed. Quêlônio, 2024.

BRASIL. *Lei no 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 01/06/22.

BRASIL. *Lei no 11.645*, de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 02/06/22.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FERNANDES, Juliana V. de S. *Uma análise interseccional sobre dimensões raciais, de gênero e classe: fomentando a implantação do NEABI – Campus Ribeirão das Neves*. Projeto de pesquisa. IFMG, Ribeirão das Neves, 2019. Não publicado.

FERNANDES, J. V. *Proposta de formação continuada docente em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER): mobilizando metodologias ativas para a produção de práticas educacionais antirracistas*. Projeto de pesquisa. IFMG, Ribeirão das Neves, 2020. Não publicado.

GARZA, Alicia. *O propósito do poder: Vidas negras e movimentos sociais no século XXI*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GOMES, Nilma L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, 2012. p. 39 - 62.

IBGE. *Censo Demográfico de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ribeirao-das-neves/pesquisa/10102/122229>. Acesso em: 05/09/24.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN)*. Atualização junho 2016. Brasília: MJSP. DPN, 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/in/infopen-levantamento.pdf>. Acesso em: 05/09/2024.

OLIVEIRA, Kiusam. *Com qual penteado eu vou?* Ilustração de Rodrigo Andrade. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

PEQUENO, Anita. *História sociopolítica do cabelo crespo*. Revista Z Cultural. Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC/Letras/UFRJ. Ano XIV, n. 1, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

## **PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSO**

- Seminário Projeto Redes – Brasília – 11 e 12 de dezembro de 2025.